



ACERVO

Napoleão Tavares Neves

**JARDIM - FLAGRANTES HUMANOS DE SEU
COTIDIANO - II - 1997**

Vol. 03

Educadora Jardimense Em Fortaleza.

Veç por outra a imprensa de Fortaleza noticia eventos educacionais do Educandário Dáulia Bringel da capital cearense. Pois bem, bem poucos sabem que a educadora Dáulia Bringel é jardimense, havendo nascida no Quadro da Matriz de Jardim, mais precisamente, a rua 3 de Janeiro onde residiam seus pais, José de Sá Bringel e D. Querubina Campos Bringel. Após diplomar-se, a Professora Dáulia Bringel lecionou em Jardim, por volta da década de 40, mudando-se posteriormente, para Saboeiro e em seguida para Fortaleza onde constituiu família de projeção social, fundando e dirigindo o Educandário Dáulia Bringel que tem prestado inestimáveis serviços à educação do Ceará.

Assim, com certeza, o Educandário Dáulia Bringel perpetuará pelos tempos afora o nome desta jardimense de escol que honra o nome da sua terra natal na progressista capital alencarina.

Quando adolescente, Dáulia Bringel costumava passar férias no Sítio Saco, do meu avô materno, Manoel Tavares Rosendo, em Porteirias, quando a conheci para logo admirar a sua ímpar personalidade de mulher forte e lutadora.

Com sua notável fibra de jardimense, a educadora Dáulia Bringel foi capaz de vencer contra tudo e contra todos até no litoral-maravilha!

É o caso de se repetir, mais uma vez, HONRA AO MÉRITO!

Barbalha, 18.7.97. Napoleão Tavares Neves.



O Primeiro Locomóvel Importado Do Jardim.

Era 1930. Os engenhos de bois estavam sendo vencidos pela tecnologia e sendo paulatinamente aposentados pelos donos de engenhos. Três senhores de engenhos do Cariri foram pioneiros em substituir os bois mansos pelo locomóvel e fizeram pedidos da Inglaterra de três locomóveis marca Huston de 13 cavalos:

Urias Novas, de Jardim,

Manoel Tavares Rosendo, de Porteiras e

João da Cruz Neves, de Barbalha.

Os locomóveis custaram, cada um, a então alta soma de 12 contos de reis, mas era^m zero quilômetro^s, vindo diretamente da fábrica, de navio, até Fortaleza, de trem até Juazeiro e puxados por 12 juntas de bois mansos até Jardim, Porteiras e Barbalha, respectivamente. Verdadeira epopéia! Foi um grande avanço e uma marca de pioneiros, homens que acreditaram na cana e na rapadura e confiaram na força do trabalho. Ainda hoje referidas máquinas estão para serem vistas nos respectivos engenhos dos Sítios Engenho Velho, no Jardim, Saco, em Porteiras e Roncador, em Barbalha.

Foi um grande feito que causou admiração na época: trocar a força dos bois mansos pela força mecânica de locomóveis importados da fábrica, na distante Inglaterra que, se dizia, ficava do outro lado do mar!

O mundo sempre foi dos pioneiros cujo trabalho fez o seu progresso.

E haja saudade!

Barbalha, 18.6.97. Napoleão Tavares Neves.



Um Ilustre Jardinese que Jardim Desconhece!

O conhecido banqueiro, Edmundo Moraes, um nome de expressão nos meios bancários do Ceará, ~~esta~~ é jardinese e poucos sabem disto.

Edmundo Moraes nasceu no Jardim no dia 12 de janeiro de 1908, filho de José Alves de Moraes e Maria da Conceição Furtado Moraes.

Estudou Contabilidade no Crato e quando foi fundado o histórico "Banco do Juazeiro", em 1933, foi convidado a integrar os seus quadros funcionais onde permaneceu por mais de 30 anos.

Posteriormente, Edmundo Moarais foi convidado a integrar a Diretoria do Banco Popular de Fortaleza, mudando-se, em consequência para a capital

O Banco do Juazeiro transformou-se em BIC, Banco Industrial e do Estado. Comercial, com agências em todo o Brasil.

Eis, em rápidos traços, um pouco da vida de Edmundo Moraes, um jardinese ilustre que Jardim ignora!

Barbalha, 14.6.97. Napoleão Tavares Neves.



Maestro Azul, Um Jardinense que Morreu Tocando!

Jardim sempre deu numerosos e excelentes músicos, sobretudo no passado, quando as camadas mais carentes da sua sociedade procuravam emergir da mesmice através das artes, principalmente da arte musical.

Os bares de ponta de ruas eram menos numerosos e os jovens de Jardim ocupavam mais o seu tempo ocioso fazendo parte da Banda de Música Infantil que tantos artistas fez nascer.

Entre os grandes músicos do Jardim de outrora figurava o conhecido Maestro Azul que fez muito sucesso na Banda de Música do Crato, nas suas festas e nos seus conjuntos musicais.

O Maestro Azul era um grande instrumentista, além de compositor e regente. O seu saxofone só faltava mesmo falar, tal era o seu virtuosismo naquele difícil instrumento.

Azul passou quase toda a vida tocando e morreu tocando!

Ia ele integrando a Banda de Música quando a voz do seu saxofone começou a diminuir de volume. Foi diminuindo, enfraquendo^{ce}, até que calou e o Maestro Azul caiu ao solo emudecido. Estava morto. Morreu tocando! Atônitos, os colegas da Banda de Música foram verificar e ele estava realmente inerte, fulminado por brutal infarto!

E haja saudade. Barbalha, 19.6.97. Napoleão Tavares Neves.



" Um Prefeito De Antigamente".

A jardinense Anita Ancilon Cavalcante acaba de lançar em Fortaleza o seu livro biográfico do pai, Ex-Prefeito Francisco Ancilon de Alencar Barros que, em última análise, é uma minuciosa radiografia da política de Jardim da década de 30.

Efetivamente, Francisco Ancilon foi um Prefeito dinâmico, progressista e popular, qualidades difíceis de serem reunidas em 1935 quando ele disputou a prefeitura da " Terra de Barbosa de Freitas".

Vitimado por Meningite, Francisco Ancilon faleceu em 1937, em pleno apogeu do seu dinamismo administrativo construindo a chamada " Casa de Força" de Jardim que iluminou a cidade quando todo o Cariri sofria escuridão por falta de energia elétrica.

Agora, no Centenário de Nascimento do seu genitor, a filha Anita Ancilon Cavalcante resgata a vida do pai em livro muito bem posto, em estilo objetivo, claro e extremamente descritivo.

É obra para marcar porque encanta pela leveza do estilo quase poético sem perder em clareza e transparência com a verdade histórica na frente abrindo o caminho da narrativa.

De parabens está a inteligente autora por haver produzida obra tão necessária quanto oportuna.

De parabens está Jardim por ter resgatada parte da sua História política e social por mãos de mestra no tema. A família Ancilon é gente inteligente e de grande destaque, sendo uma fértil vertente da família Alencar, cepa de poetas, oradores e escritores. Barbalha, 1.7.97. Napoleão Tavares Neves.

Um Jardinense Na Presidência Do Instituto Histórico Do
Ceará.

Jardim sempre foi, através dos tempos, um rico celeiro de valores hu-
manos a abastecer o Ceará.

Poucos sabem disto, mas é jardinense ilustre na capital cearense o comba-
tivo jornalista e escritor José Caminha de Alencar Araripe que assina os
seus trabalhos como J.C. de Alencar Araripe.

J.C. de Alencar Araripe tem vários livros publicados, inclusive um de re-
tumbante sucesso editorial: "Alencar, O Padre Rebelde".

Havendo colaborado em "O Povo" durante muitos anos, J.C. de Alencar Arari-
pe faz parte de todas as instituições culturais do Ceará, tendo um gran-
de conceito nos meios intelectuais da capital alencarina.

Atualmente, entre outras funções de relevância, J.C. de Alencar Araripe
preside com apuro os destinos da mais sólida instituição cultural do Cea-
rá, exatamente, o Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Cea-
rá, a chamada "Casa do Barão de Studart".

Mais uma vez usarei aquele milenar chavão: HONRA AO MÉRITO !

Barbalha, 18.7.97. Napoleão Tavares Neves.



Por que "Lava-Pés"?

quem sobe da cidade de Jardim para os sítios da zona rural na direção da Serra, pela estrada antiga, passa pela Ponte do "Lava-Pés" tão conhecida de todos desde épocas remotas. Em Jardim ninguém desconhece o "Lava-Pés".

Sua origem remonta aos tempos de antigamente!

Antigamente, as pessoas desciam pra cidade com os chinelos, alpercatas ou sapatos no dedo e ao chegar naquele local, sentavam nas pedras e lavavam os pés empoeirados nas águas límpidas que por ali passavam na direção do baixo. Só ali se calcava^m os pés, agora lavados pelas águas daquele bucólico riacho. O local ficou conhecido por "Lava - Pés". Depois, construíram a pontezinha que desafia os tempos e a ponte tomou o nome do lugar: "Ponte do Lava- Pés" até hoje e para sempre. Nenhum jardinense desconhece tal denominação, sonora e pertinente como tudo o que o povo denomina!

E haja saudade!

Barbalha, 27.6.97. Napoleão Tavares Neves.



" Maria Velha".

Quem no Jardim da década de 40 não conhecia " Maria Velha"? Com certeza ninguém, porque ela era muito encontradiça nas esquinas da cidade com os seus vários instrumentos todos manejados por ela a um só tempo: um realejo, um bombo, um pandeiro. Com aquela multiplicidade de instrumentos " Maria Velha" interpretava várias músicas do nosso cancionero popular. Era o seu ganha pão nas ruas de Jardim, implorando a caridade pública para viver.

Diziam que ela era "tísica" e todos se condoiam da sua situação fazendo caírem na sua bandeja algumas moedas com as quais vivia.

Sua presença era tão frequente nas ruas de Jardim que passou a ser uma das características da cidade e um dos tipos populares do Jardim de então .

E haja saudade! Barbalha, 5.5.97. Napoleão Tavares Neves.



**É Jardinese O Patrono Do Forum Da Justiça do Trabalho de
Guarulhos, Grande São Paulo!**

quem quer que transite pela cidade de Guarulhos, na grande São Paulo, poderá ver o nome de um ilustre jardinese na fachada do importante Forum da Justiça do Trabalho daquela progressista cidade paulista: "Forum Juiz Marcondes Ancillon Ayres de Alencar".

Dr. Marcondes Ayres nasceu no Sítio Cumbe, então pertencente ao seu genitor, Luiz Ayres de Alencar, nos pés de serra de Jardim.


Formado em Direito pela Faculdade de Direito do Ceará, ainda advogou em Jardim, sendo depois Juiz de Direito de Granja, na Zona Norte do Ceará.

Transferindo-se, posteriormente, para São Paulo, fez concurso e passou para Juiz da Justiça do Trabalho, com lotação na progressista cidade de Guarulhos, hoje já zona urbana da grande São Paulo.

Por sua competência e seriedade, o Dr. Marcondes Ayres subiu muito no conceito da Justiça do Trabalho de São Paulo e ao aposentar-se, foi homenageado com o seu nome apostado no moderno Forum da Justiça do Trabalho da sua cidade de atuação: Guarulhos.

Assim é que, em Guarulhos, pode-se ler o nome de um jardinese ilustre apostado na fachada da Justiça do Trabalho: Forum Juiz Marcondes Ayres.

Honra ao Mérito! Barbalha, 18.7.97. Napoléao Tavares Neves.



O Criador Da Chamada " Casa De Força " , De Jardim.

Vi nos jornais que a jardinese , Anita Ancilon Cavalcante", viúva do Dr. João Cavalcante que foi médico em Jardim na década de 30, lançou em Fortaleza o seu livro " Um Prefeito De Antigamente", enfocando o Centenário de Nascimento de Francisco Ancilon que foi Prefeito de Jardim em 1937, falecendo prematuramente, como Prefeito Municipal da nossa cidade. A escritora Anita Ancilon é filha de Chico Ancilon. Foi aí que me lembrei do Prefeito de antigamente Chico Ancilon, homem ativo, dinâmico, dono de um vozeirão que se ouvia de longe e de uma gaitada sonora e animada. Era muito simpático e trabalhador.

Foi o prefeito que comprou uma grande caldeira e iluminou Jardim a partir da chamada " Casa de Força" que ficava na rua Padre Miguel Coelho mais ou menos onde hoje funciona precariamente a Biblioteca Pública Municipal. E por falar em " Casa de Força", vale a pena destacar um episódio quase desconhecido: certo dia a roda de transmissão da " Casa de Força" desprendeu-se do conjunto, saltou na rua, atravessou toda a cidade em alta velocidade, penetrou no beco que vai para a Boca da Mata e foi parar dentro do brejo, no baixio. E não atropelou ninguém! Incrível como isto tenha podido acontecer! Faço mais este registro para lembrar um episódio que o Jardim de hoje desconhece inteiramente. E haja saudade! Barbalha, 20.6.97. Napoleão Tavares Neves.



Nós, moradores do outro lado da Serra, chegávamos à cidade de Jardim pela ladeira da "Besta Morta", comprida, escavacada, difícil para animais de sela ou carga, a prosseguir por caminho espremido entre unhas-de-gato rumo ao "Lava-pés" - vãozinho de ponte de madeira sobre riacho seco. Suponho que a denominação veio de a água do riacho, nas chuvas, tirar a lama dos pés dos transeuntes a pé.

Após o "Lava-pés", a ponta da rua com casas de taipa, algumas a parede da frente de tijolo. Na entrada, à esquerda de quem chegava, o Café de sia Helena, ela uma senhora de idade, gorda e de luto. Na salinha escura, sobre mesa tosca, em cima de toalha limpa, pães doce, pães crioulo e bolos de fabricação dela, inclusive as famosas "violas" ou "bonecas", feitas de goma de mandioca e ovos.

Ao voltar da feira, a parada em sia Helena era obrigatória para a xícara de café e, quem podia levar agrado para filho pequeno, pães e bolos. Não lembro da presença do litro de cana baixa para a "bicada" da saída; talvez estivesse lá dentro, afastado do ambiente que os registros sagrados na parede faziam respeitável.

"Violas" ou "bonecas", também chamadas "negas de goma" custavam cinco por um tostão, na pechincha, seis. Entre sia Helena e o Lava-pés", aos sábados, um cego pedinte fazia ponto a solicitar caridade. Alguns respondiam-lhe com "perdoe", outros, havendo comprado um tostão de "violas", davam uma de esmola. Apenas uma.

Ouvi meu irmão contar a queixa do cego:

- Ó Deus, acabai com os "perdoe" e com as "negas de goma" de sia Helena senão eu morro de fome!

Brasília, junho de 97 José Peixoto Júnior.

{ O autor foi aluno do "Ateneu Jardimense", em 1936)

Um Ex-Vaqueiro Da Chapada Do Araripe No Cone Sul!

O ex-vaqueiro, José Peixoto Júnior, cabra macho da Fazenda Jenipapo e da Baixa das Cacimbas, deu um giro pelo Cone Sul do continente e me escreveu de Buenos Ayres sem se esquecer da planura da Chapada do Araripe ao expressar -se assim: " Buenos Ayres, bela cidade, plana que só a Serra do Araripe ! Gente educada, prestativa como nós do mato".

José Peixoto Júnior destaca sobretudo um sentimento que está faltando aos brasileiros hoje em dia: " Nota-se certo furor patriótico. Abundam bandeiras nacionais desfraldadas por vias e casas comerciais. No show de tango, tanto o cantor como o apresentador exaltam a pátria".

No nosso Brasil de hoje, nem no 7 de setembro se nota mais o ^rador patriótico que parece o selo na nacionalidade. Efetivamente, precisamos deste ardor cívico desde os verdes anos do ABC. É preciso que voltem os desfiles escolares do Dia da Pátria e que a Bandeira Nacional seja mais e melhor cultuada como verdadeiro símbolo da Pátria. Precisamos acender na juventude a mística dos símbolos nacionais para que o Brasil seja mais e melhor amado a partir da infância nas escolas.

Barbalha, 21.6.97. Napoleão Tavares Neves.



" Olimpão," Um Líder Dos Boias Frias do Jardim de Outrora.

No Jardim de outrora, sobretudo da década de 40 para 50, havia na sua zona rural um líder que agregava em torno de si um verdadeiro e aguerrido grupo de trabalhadores rurais das mais diferentes especialidades: era o conhecido " Olimpão" que costuma empreitar moagens com os donos de engenhos. Efetivamente, ele tinha sob seu comando cerca de 60 a 100 operários rurais que faziam de tudo. O dono de engenho que queria tirar sua moagem sem atropelos de falta de operários, contratava o grupo de " Olimpão " e ele se responsabilizava por tudo. No fim de cada semana a conta era feita com ele que repassava o dinheiro aos seus operários. Era um verdadeiro batalhão de boias frias, muito coeso e disposto que topava qualquer parada na labuta da zona rural. Quem contratasse os serviços de " Olimpão " podia ficar certo de que o seu serviço seria executado na hora marcada, com absoluta garantia de boa qualidade e presteza. Assim, " Olimpão" era o autêntico comandante de um batalhão de homens de mãos calosas que hoje em dia faz muita falta à zona rural de Jardim, sobretudo no serviço da cultura de cana e fabrico de rapaduras, infelizmente em declínio e vias de extinção total, o que é uma pena.

Barbalha, 26.7.97. Napoleão Tavares Neves.




" Mãe Lena", Entrepasto Dos Que Entravam Ou Saíam
Do Jardim.

O escritor José Peixoto Júnior já perfilou, magnificamente, Sra Helena, mas hoje eu quero perfilar Sra Helena como " Mãe Lena", aquela velhinha amiga e hospitaleira que todos conheciam, sobretudo os que entravam em Jardim pelo " Lava Pés ".

A casinha dela era, como que, o entreposto dos que saíam ou entravam em Jardim pelo poente da cidade. Alí, as pessoas trocavam as alpercatas ou chinelos da zona rural pelos sapatos urbanos; alí deixavam os seus animais; alí se abasteciam dos seus famosos bolos em forma de violas ou bonecos, tanto na chegada e sobretudo, na saída ; alí se dava dois dedos de prosa inteirando-se das novidades, tomava-se um cafezinho, lavava-se as mãos e até tomava-se água nos seus copos e ariados canecos de flandres. Sua casa hospitaleira era, sem dúvidas, o entreposto entre a zona rural e a zona urbana. Por isto, todos gostavam de " Mãe Lena" onde se abasteciam de gostosas guloseimas para a meninada que ficava em casa. Isto durou gerações de jardinenses rurais, sobretudo nas décadas de 20 e 30 e começo da década de 40. A professora Beatriz Neves, por exemplo, plantada lá no Sítio Belo Horizonte, sonhava com a volta dos que desciam pra cidade, antegosando as delícias das " violas ou bonecos de Mãe Lena" que todos traziam com certeza. Assim, " Mãe Lena" muito bem personificou a hospitalidade de Jardim daquelas priscas eras. E Haja saudade!


Barbalha, 27.6.97. Napoleão Tavares Neves.



Um Exímio Tocador de Pífano!

Na década de 40 a Festa do Padroeiro de Jardim, Santo Antônio, tinha o seu novenário animado por uma banda cabaçal, conjunto de zabumãa, na qual destacava-se um tocador de pífano que era um sucesso: "Cachoeira". Quem da minha geração não se lembra de "Cachoeira" no Jardim? Ninguém, porque "Cachoeira" era realmente um virtuoso na sua arte musical de tocar pífano. Então, quando alguém pedia para tocarem "O Cachorro" "Cachoeira" fazia verdadeira exibição da sua difícil arte de tocar pífano. E haja saudades daquela bisonha cidadezinha pequenina mas gostosa de se viver, sempre fria e "com a cabeça amarrada" por uma coroa de névoas circundando a serra. Tudo passa sobre a terra! Até o frio de Jardim passou! Passou também o inimitável "Cachoeira" com o seu inexcedível pífano! E haja saudade!

Barbalha, 5.5.97. Napoleão Tavares Neves.



O Meu Primeiro Dentista Em Jardim.

O meu primeiro dentista em Jardim foi o meu tio paterno, Dr. Manoel Franco Neves que era também formado em Direito e tinha consultório em Jardim, a rua Leonel de Alencar, vizinho a residência do comerciante Antônio Emídio.

Posteriormente, o Dr. Manoel Franco Neves casou com a senhorita Maria Ceilde Barreto Novaes, filha do senhor de engenho, Urias Novaes e foram residir no distante Acre, levando 70 dias de viagem em um navio "gaiola" pelo Rio Amazonas, até a cidade de Xapuri.

O interessante é que meu tio Manoel Franco Neves deixou o seu consultório para servir para seu afilhado e meu irmão, Jurandir Tavares Neves, que dizia querer ser dentista também no futuro. Deixa que a Odontologia progrediu tanto que aquele equipo foi logo sucateado pelo progresso e não serviu mais para nada, quando Jurandir Tavares Neves concluiu o seu brilhante curso de Odontologia.

Naquele tempo, quando os nossos dentes de leite amoleciam, eram extraídos mesmo em casa, espontaneamente e agente os jogava sobre o telhado da casa dizendo aquilo que todo menino do meu tempo dizia: "Mourão, Mourão, toma teu dente podre e me dá um são"! Santa ingenuidade!

Posteriormente, chegou em Jardim um novo dentista, por sinal potiguar, Dr. Gilberto Fonseca Tinoco, que meu pai levou para o nosso Sítio Saco, a cavalo e por sobre o platô da Chapada do Araripe, com o seu equipo em uma carga de malas de couro de boi conduzida por um burro.

Alí, devidamente instalado na sala da frente da nossa casa, Dr. Gilberto Fonseca Tinoco tratou dos nossos dentes durante 15 dias tendo como atendente a minha tia materna, Guiomar Miranda Tavares.

Era a base do motorzinho a pedal, sem água para esfriar o dente! Um sofrimento! Acho que vem daí o pavor que todos sentem do dentista.

Lembro-me que naquela tempo tive uma grande decepção : os meus dentes estavam tremendamente cariados porque eu esperava " muda-los" e por isto não alarmava para obtura-los e , todavia, eram dentes definitivos, molares de seis anos, que não iriam " mudar".

Ingenualmente, eu os deixava careados, pensando que iria " muda-los" ainda.

Santa ingenuidade de menino de bagaceira de engenho!

Barbalha, 30.7.97. Napoleão Tavares Neves.



O Triângulo CRAJUBAR.

Crato, Juazeiro e Barbalha formam o chamado Triângulo CRAJUBAR, área mais nobre do Vale do Cariri, integrantes da chamada Micro-Região 78, cidades hoje já conurbadas pela especulação imobiliária.

Cada uma de suas cidades tem personalidade própria, mas hoje se integram pelo progresso, sem, todavia, perderem a sua identidade cultural.

CRATO é a eterna cidade-cabeça de comarca, mãe cultural do Cariri, sede da Universidade Regional do Cariri, URCA e que desde 1875 tem o seu famoso Seminário São José, célula mater da cultura regional.

Cidade estudantil por excelência, centro cultural dos mais pujantes, tem uma sociedade refinada integrada por famílias sedimentadas pelo tempo.

Nos seus paradisíacos pés de serra há cerca de 70 fontes de águas cristalinas onde outrora roncava^M os engenhos de rapadura e hoje ficam os clubes serranos e aprazíveis chácaras que fazem a cidade subir os morros e derramar-se pelo sopé sempre verdejante da colossal Chapada do Araripe.

Crato sempre foi a cabeça pensante do Cariri, palco das Revoluções libertárias de 1817 e 1824. A tradição é o leito sobre o qual Crato repousa e planeja o seu futuro.

Crato sempre sonhou alto como "Princesa do Cariri" que oferece ao Ceará institutos culturais, academias de letras e revistas culturais de conceito nacional, afora educandários de conceito inter-estadual

Crato sempre foi um celeiro de artes do Cariri, um centro de cultura popular de notável respeitabilidade, reserva de civismo do Nordeste.

Juazeiro é a mais jovem das tres cidades, mas a de maior progresso material, centro de romarias dos maiores do Brasil, gravitando sempre em torno da carismática figura de Padre Cícero Romão Batista.

Juazeiro, como cidade turística, centro de religiosidade popular, atraiu migrantes de todo o Nordeste, resultando desta miscigenação uma robusta cultura popular com o afloramento de muitas vocações artisticas nos mais variados campos das artes.

Cordelistas, ceramistas, violeiros, artistas plásticos, entalhadores, escultores, artesãos do flandres, do ferro, do couro e da palha fazem de Juazeiro do Norte um centro cultural de sólido conceito em todo o Brasil.

Constantemente Juazeiro é visitado por cientistas sociais, para-psicólogos, antropólogos que buscam decifrar os seus enigmas de cidade oratório do Nordeste.

As Romarias do Padre Cícero fazem de Juazeiro um verdadeiro formigueiro humano, em empório comercial de fama além fronteiras do Ceará.

Em diz um biólogo juazeirense, " Juazeiro é um mundo"! Com apenas 86 anos de vida autônoma, Juazeiro já é a maior cidade do interior cearense, crescendo sempre a sombra dos carismas do Padre Cícero Romão Batista, seu oráculo maior.

Barbalha, a " terra dos verdes canaviais, repousa sobre o leito de verdura do seu canal que a fez a capital mundial da rapadura. É uma cidade de tradicionais famílias, com uma invejável tradição cultural, inclusive de cultura popular nas vertentes do folclore, do cordel e das artes em geral.

Basta que se diga que o seu Gabinete de Leituras, uma mini-academia de letras, é mais antigo do que a Academia Brasileira de Letras!

Os seus paradisíacos pés de serra oferecem ao Cariri cerca de 40 fontes de águas límpidas, inclusive o famoso Balneário do Caldas onde a natureza e o homem se dão as mãos para receber o Nordeste!

Os seus casarões, sobrados e instituições culturais, os seus engenhos de rapadura, a sua tradicional Festa de Santo Antônio com a pujante vertente de religiosidade popular da Festa do Pau da Bandeira fazem de Barbalha um crescente centro de visitação turística do Cariri. O seu Parque da Cidade Governador Tasso Jereissati, com 12 tarefas de praças e jardins, é o cenário da maior cena folclórica a céu aberto do Ceará: A Festa do Pau da Bandeira que já suscitou a feitura de várias teses dos estudiosos do gênero.

Por tudo isto Barbalha é, inquestionavelmente, a "cidade sorriso do Cariri".

Com esta bela e pujante trilogia urbana o Cariri caminha a passos largos para o advento do III Milênio sem medo de enfrentar o futuro!

Barbalha, 31.7.97. Napoleão Tavares Neves.



Uma Inteligente Resposta De Um Rábula Jardimense.

Era 1940. O Governo Federal determinou um Censo Nacional em todos os quadrantes do Brasil. Em Jardim chegou um preposto do Governo que veio alistar os censores para efetuarem o referido censo.

O rábulo José de Sá Bringel apresentou-se para fazer a sua inscrição como recenseador. O funcionário parece que duvidou da capacidade intelectual do candidato José de Sá Bringel e foi logo perguntando, antes de mais nada: "- O senhor sabe mesmo fazer censo"?

A resposta veio em cima da bucha, fazendo calar o seu interlocutor:

" Qualquer um que tenha senso com S , saberá fazer o Censo com C" !

Não é preciso dizer que Sá Bringel foi logo contratado, sem mais delongas!

Sá Bringel era assim: inteligente, preparado e espirituoso!

Barbalha, 12.8.97. Napoleão Tavares Neves.

